



TESOUROS E SUBTERRÂNEOS JESUÍTICOS

Carlos Galvão Krebs

"Certa vez, em uma das sessões do último Congresso, He. (Aurélio Pôrto) proferiu uma frase que passou despercebida, no tumulto da discussão, mas que eu guardei: "Na história não se pode nunca desprezar a tradição oral".

"Aí está, na rapidez desse conceito, toda a magnitude de um pensamento nuclear: aquêle "mineiro" de documentos antigos não compreendia a realidade histórica sem o elemento da tradição oral, isto é, a substância do fato, que nenhum diploma conserva, mas que é a própria vida do fato, tanto que se perpetuou na comunhão humana". (1)

No Rio Grande do Sul não há ninguém que não tenha ouvido alguma coisa sobre os fabulosos tesouros jesuíticos, escondidos em tal parte ou enterrados no subterrâneo desta ou daquela igreja das Missões, que aqui teriam deixado os padres ao serem expulsos destas plagas. São tradições orais que embalam os gaúchos desde o berço. E muita gente, gastando suor e dinheiro em escavações fracassadas, já lhes tem pago amargo tributo.

Com um plano de estudos que previa o curso de Geografia e História como *alicerce para o de Artes Plásticas*, e pretendendo dedicar-nos à história da arte no Brasil e no Rio Grande do Sul particularmente, era fatal que a estatutária e a arquitetura missioneira terminariam por apaixonar-nos. O namôro começou insensivelmente em 1944, quando pela primeira vez visitamos os Sete Povos com uma caravana de estudantes. De então para cá fomos re-

colhendo tudo o que pudesse interessar. E hoje nos vemos na posse de quatro volumes de arquivo, dedicados inteiramente à história e arte das Missões.

Ora, as riquezas, os túneis, assim como os esconderijos dos tesouros se acham indissolúvelmente ligados à imaginária e à arquitetura jesuítica. Daí porque, sem mesmo querer, chegamos ao assunto. Além disto, grande número de jesuítas e seus áditos, hoje, numa errônea política de proteção à famosa e discutida companhia, pretende desautorizar toda esta tradição oral que os gaúchos *transmitem de geração a geração*. E resistem, e pressionam, procurando inútilmente abafar seu eco vigoroso. A par do "pathos" que o assunto traz implícito, esta resistência — profundamente salutar ao estudioso livre de prejuízos, porque estimulante — lhe empesta ainda maiores atrativos.

Crescia o encanto à medida que avançávamos no estudo. Em breve compre-

(1) Othelo Rosa, "Dola Perfis", em "Província de São Pedro", n.º 3. O grifo é nosso.

endemos, maravilhado, ter descoberto um filão riquíssimo, paradoxalmente tão explorado até o momento. Cheio de espanto nos perguntávamos: "Mas como é que toda esta gente (os nossos historiadores atuais) não viu isto antes?" Possivelmente o fato se explique por três razões. Alguns são muito chegados aos jesuítas e sabem que não convém tocar no caso sob pena de lhes desagradar. É um juízo, aliás, que a nosso ver não tem procedência alguma. Outros, porque "a priori" olham a matéria como pertencente aos domínios do puro folclore, prejulgando ingênuo e risível todo esforço no sentido de tratá-la do ponto de vista histórico. Os últimos, afinal, porque nunca sentiram atração pelo tema, simplesmente.

Na verdade, rendemos graças aos deuses do Olimpo: a tese ficou para nós. Vamos a ela.

.....
Vejamos inicialmente como a encara a ciência oficial.

O sr. Dante de Laytano é professor de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio G. do Sul e de História da América na Faculdade Católica de Filosofia da mesma Capital. É também Subdiretor do Museu Júlio de Castilhos, de Pôrto Alegre. Autoridade incontestável, portanto. Leiamos os tópicos mais interessantes de seu parecer, proferido em 1944. "sobre um esquisito pedido feito ao Estado, solicitando ajuda do poder público para descobrir riquezas e caminhos estratégicos, no subsolo, deixados pelos padres da Companhia de Jesus, na região missioneira, desde o século XVII". (2)

Começa assim:

"L. M., em ofício ao Exmo. sr. Intervenitor, ofício encaminhado pelo sr. Diretor Geral da Secretaria de Educação ao dr. Diretor do museu JULIO DE CASTILHOS, propõe-se explorar "os subterrâneos das ruínas missioneiras de São Miguel, São Luiz e São Nicolau",

esquecendo lamentavelmente de sugerir também pesquisas em São Lourenço, São Borja, São João e Santo Angelo, pois assim teríamos a história arqueológica de todos os 7 povos.

"Fala na possibilidade de existir um túnel ligando São Luiz e São Nicolau e "se a exploração provar que é verdade, pode ser de grande influência estratégica, por tratar-se de uma zona fronteiriça".

"Note-se que não só o aspecto patriótico preocupa tão estranho peticionário, pois confessa, ainda mais, que pretende encontrar "nesses subterrâneos, parte do grande tesouro jesuítico, preciosíssimos objetos de arte, manuscritos e livros de valor histórico".

"Os americanos do norte têm uma palavra para exprimir tais coisas: "joke". E joke singelamente significa farsa, malícia (não é possível aqui), lógro, peça, graça, graça, brinquedo, etc.

"O sr. L. M. parece-se depois (ver o túnel que pretende descobrir) um tanto quanto belicoso"...

E o sr. Dante de Laytano cita, para abonar sua posição, os Padres Luiz Gonzaga Jaeger, Guilherme Furlong, Carlos Teschauer, além de Aurélio Pôrto, Hemetério José Velloso da Silveira e o Cônego João Pedro Gay.

Prossegue o parecer:

"Mas nada se pode fazer contra uma mania tão disseminada, e conseqüentemente periódica de procurar tesouros dos jesuítas. Os manuscritos dos padres, as ânuas, a correspondência trocada entre os governos, e literatura contemporânea das memórias, os cronistas dos séculos XVII, XVIII e XIX, os historiadores modernos só têm demonstrado, e para grande desespero dos encançados descobridores de tesouros jesuítos, o quanto isto é ridículo e inverossímil".

Ainda:

"O peticionário de certo leu as belas páginas da literatura de Simões Lopes

(2) Publicada no "Boletim da Associação dos Funcionários Públicos", Ano II, n.º 5, 1946.

Neto, que fixam, sim, a imaginação do povo mas não a verdade histórica", e lá as transcreve em seguida.

Dêste parecer ressalta de imediato inteira negação de fundamento histórico para a tradição de que nos ocupamos. Em segundo lugar, a intenção clara de ridicularizar o postulante inatendido e — com ele — todos os que no futuro pretendam dedicar-se a tais trabalhos no Rio Grande do Sul.

Nós aceitamos o risco do ridículo.

E vamos corrê-lo tranquilamente.

Para efeitos de sistematização, dividamos o assunto em dois tópicos: tesouros primeiro, subterrâneos depois. Rastreamos a tradição em dois campos diversos, com os meios ao nosso alcance — pesquisa bibliográfica e pesquisa arqueológica.

.....

TESOUROS

Em verdade, os autores apontados pelo sr. Dante de Laytano, e muitos outros, citam a tradição dos tesouros, negando-lhes foros de verdade. Quanto aos Padres Luiz Gonzaga-Jaeger, Guilherme Furlong e Carlos Teschauer, todos jesuítas, são por isso mesmo evidentemente suspeitos. Só por inadvertência deixariam escapar alguma coisa que denunciasse a existência de minas de metal precioso (que a Companhia jamais confessou), ou de tesouros aqui deixados pelos antigos companheiros de ordem. Os jesuítas, via de regra, timbram em fazer da Sociedade de Jesus uma pobre agremiação religiosa. Por sua vez o próprio Aurélio Porto, sem dúvida um dos maiores historiadores do Rio Grande do Sul e por quem nutrimos grande admiração, ele mesmo denota em "História das Missões Orientais do Uruguai" atitude benévola pró-jesuítas. Não só isto: de discreto encômio também, a ponto de esquecer seu próprio conselho acerca da tradição oral. Hemetério José Velloso da Silveira, com aquêle seu jeito saborosamente circunspeto e ingênuo, nega sempre a tradição dos "enterros" e

das minas. Não obstante, há um dos autores lembrados pelo sr. Dante de Laytano que necessita um estudo mais acurado. Trata-se do Cônego João Pedro Gay, com sua "História da República Jesuítica do Paraguai", de quem o citado professor transcreve o seguinte:

"Seja que os jesuítas tivessem descoberto minas de metal precioso ou não, seja que elles ocultassem seus tesouros ou não; o caso é que posteriormente a elles não se têm obtido notícias destas minas, nem destes tesouros. Em minha opinião, mesmo que sua existência fôsse certa, o que não ousou asseverar, teria sido dificultoso descobri-los, tanto por causa da grande ignorância da grande maioria dos índios a êste respeito, como pelo obstinado silêncio que muitos motivos recomendavam aos poucos que teriam podido dar alguma relação sôbre êste assunto".

Como se vê, Gay — equilibradíssimo — não ousa asseverar a existência de minas e tesouros. Mas também não nega. Até, pelo contrário, vejamos como ressalta outra convicção, da leitura do trecho integral em que êle se refere ao fato:

"A ser certa a alocação que um jesuíta fêz aos neófitos em o povo de S. Nicolau, pareceria que os missionários da Companhia de Jesus, não pensavam que sua expulsão das reduções fôsse tão séria, nem que fôsse duradoura. Eis em substância o que me foi referido por um ancião que nos seus verdes anos era destinado ao serviço da igreja de S. Nicolau no tempo dos jesuítas, e que faleceu, não faz muito, na idade de cento e vinte anos: "Nós, vossos padres, que vos tiramos do cativo do demônio para vos fazer e a vossos pais, filhos de Deus, de S. Nicolau e de S. Miguel; nós que a vós e a vossos pais temos trazido dos desertos e dos matos, onde não tínheis que comer, que vestir, nem casas para morar, para êste povo onde tendes casas, vestidos e comidas, e onde viveis como filhos de Deus e de S. Nicolau que vos

darão a salvação; nós vossos padres somos obrigados a vos deixar e desamparar, mas será por pouco tempo. Já por duas vezes nos arrancaram do meio de vós, porém Nosso Senhor logo nos restabeleceu em nossos povos junto de vós. Sim, brevemente tornaremos a voltar, porém guardai-vos bem durante nossa ausência de descobrir os segredos e os tesouros de S. Nicolau e de vossos padres. Os outros não vos querem e gastariam todos vossos tesouros se soubessem deles. Antes morrer do que descobrir os segredos e os tesouros de S. Nicolau e dos padres, porque essa morte será premiada pela felicidade eterna”.

“O índio que referiu este discurso dos padres jesuítas não descobriu os segredos nem os tesouros de S. Nicolau e dos padres. Apenas disse ter visto mui poucos dias antes da saída dos jesuítas de S. Nicolau, seis carrétas carregadas de alfaias e ornamentos de igreja com direção ao passo do Sarmento no rio Piratini, e que no outro dia viu voltar as carrétas vazias, sem nunca ter sabido o fim que levaram as ditas alfaias, se foram embarcadas ou se foram lançadas em algum fôssô ou subterrâneo nos matos que bordam o Piratini; nem nunca pôde averiguar nada dos carreteiros que conduziam as ditas carrétas, porque nunca mais os viu.

“Por estar agora neste assunto dos tesouros enterrados e das riquezas e minas preciosas descobertas pelos jesuítas, matéria que tanto tem dado que falar antes da supressão da célebre Companhia e ainda depois, sem que nenhum escritor tenha dado a entender que eles tivessem descoberto minas de metais preciosos na província do Paraguai, que formava sua república cristã; direi alguma coisa do que pude instruir-me durante vários anos de residência nas missões. Narro além disso fatos que me foram contados por pessoas que me parecem verídicas, deixando aos leitores formarem o seu juízo, e ao tempo descobrir a verdade.

“Além do discurso que o índio de S. Nicolau fez pronunciar aos jesuítas

do dito povo e da sua declaração que acabo de referir, vou narrar a declaração do índio Cristoval que no tempo da expulsão dos jesuítas era sacristão-piá do cura, companhia do povo de S. João, que foi depois corregedor do mesmo povo durante a dominação espanhola, e que foi porteiro do administrador do dito povo durante a administração do distinto capitão Francisco Marques Pereira, depois da conquista. O mesmo capitão que ainda existe me narrou este fato que ele mesmo ouviu da boca do índio Cristoval. “Na noite anterior à saída do cura e do seu sacristão-piá, o cura e o seu companheiro depois da ceia chamaram os sacristães e com seus lenços lhes taparam cuidadosamente os olhos e os ouvidos. Fizeram-nos então durante várias horas carregar caixas pesadas, com as quais desceram degraus como quem ia à quinta, e depois lhes fizeram dar várias voltas com as mesmas caixas, para que os sacristães não pudessem conhecer o rumo do caminho que levavam. Fizeram em seguida passar os mesmos piás um do lado de dentro, outro do lado de fora do aposento onde tinham carregado as caixas, e neste intervalo ouviram eles socar terra, e ao fim de algum tempo tendo parado o rumor, o primeiro piá impaciente destapou um pouco os olhos e os ouvidos e disse devagarzinho para o seu companheiro, que ouvia gemer um índio, que lhe parecia ser o cozinheiro, que morria enforcado em presença dos padres. Ao depois foram chamados os piás para socarem também terra. O que feito foram levados para seus aposentos, e na madrugada da mesma noite partiu o padre cura com o seu sacristão, sem que nunca mais o índio narrador tivesse notícia deles. Pela manhã tinha desaparecido o cozinheiro. De tarde o padre companheiro mandou o seu sacristão Cristoval que fôsse pedir a bênção a seu pai, para partir na noite seguinte com ele.

“Mas o piá assustado fugiu para o monte onde se conservou mais de um mês até que soube que havia no povo corregedor castelhano.

"Dizia pois Cristoval que elle tinha ajudado a esconder os tesouros dos padres jesuitas de S. João; que está certo que elles se achavam na quinta dos mesmos jesuitas, mas que era impossível a elle designar o lugar.

"O cura de S. Miguel chegou perigosamente enfermo a Buenos Aires, tanto que não pôde embarcar com seus companheiros para a Europa. Em Buenos Aires faleceu poucos dias depois. E em virtude de uma nota que elle deixou a um irmão seu na mesma cidade, vieram, não faz muitos anos procurar os tesouros de S. Miguel, com os quais dois indivíduos que poderia nomear, mas que os não nomeia, compraram cada um uma estância.

"Nos arrabaldes do povo de S. Lourenço existe um buraco entupido conhecido pelo nome de *Quarepoti* (buraco de prata), onde por tradição se diz que os jesuitas tiraram prata. E no de S. João há indícios de ter-se tirado ouro, abaixo do arroio do Moinho.

"Não longe do povo de S. Tomé existe um fôssco que foi bem profundo e comprido, onde a tradição ensina que os jesuitas descobriram uma mina de ouro, e que elles mesmos mandaram entupir por não lhes fazer conta que esta notícia se propalasse.

"Apenas alguns vestígios restam d'este trabalho, estando actualmente o lugar dentro do mato.

"Tem apparecido várias vezes indícios da presença de ouro em S. Tomé. Em 1849 os periódicos, em particular o **JORNAL DO COMÉRCIO** do Rio de Janeiro, falam da descoberta de ouro em S. Tomé, como de uma nova califórnia; porém nunca pessoa alguma com as devidas habilitações tratou de certificar-se da existência do metal precioso nas Missões.

"Asseguram que nas vizinhanças do povo de Corpus sobre o Paraná há ouro com abundância. Conheci uma India velha que me assegurou ter ajudado seu pai a extrair ouro em seu território perto de Corpus.

"Em Roma nos arquivos da Sociedade de Jesus, devem-se achar algumas notas

preciosas sobre estes objetos que haviam de fornecer esclarecimentos úteis às nações que actualmente possuem o vasto território da provincia da Companhia de Jesus do Paraguai. Deixam-se alguns persuadir que ellas existem na realidade, por ter havido pessoas que vieram da cidade Eterna para a America aliciadas por algumas notas por ellas vistas, mas que as circunstancias não favoreceram em suas empresas.

"O célebre viajante francez Mr. de Saint-Hilaire em sua visita às missões orientais do Uruguai, parou poucos dias em S. Borja, onde sem embargo travou amizade com o comandante de missões coronel Antõnio José da Silva Paulete, engenheiro portuguez, porém d'este povo seguiu a visitar os outros; e consta que de S. João mandou ao governador coronel Paulete uma memória sobre as missões orientais, cuja memoria infelizmente se perdeu nas mãos das numerosas pessoas que a quizeram ler.

"Mas asseguram-me pessoas de distincção, e entre ellas meu finado amigo Mr. Bonpland, de que na referida memoria se tecia o maior elogio ao território de missões e a seus productos, e que nella se assegurava que em missões se achava muito ouro e muita prata, e que elle concluia dizendo: que os habitantes de missões eram uns cegos que não sabiam aproveitar as riquezas immensas que pisavam e calcavam com os pés".

Agora, sim, vem o trecho transcrito pelo sr. Laytano:

"Seja que os jesuitas tivessem descoberto minas de metal precioso ou não, seja que elles ocultassem seus tesouros ou não; o caso é que posteriormente a elles não se tem obtido noticias destas minas, nem d'esses tesouros. Em minha opinião, mesmo que sua existência fôsse certa, o que não ousou asseverar, teria sido difficiloso descobri-los, tanto por causa da grande ignorancia da grande maioria dos Indios a este respeito, como pelo obstinado silencio que muitos motivos recomendavam aos poucos que teriam podido dar alguma relação

sobre este assunto. Enfim as guerras de que as missões têm sido o teatro durante tantos anos, a sua distribuição por três potências distintas, a introdução no seu território de uma nova povoação quase toda inclinada e ocupada à vida pastoril, não deram lugar a fazerem-se pesquisas desta importância" (1).

Tudo isto com respeito a tesouros, no próprio Cónego Gay.

Vejamos o que diz Evaristo Affonso de Castro na "Notícia Descritiva da Região Missionária" editada pela Tipografia do Commercial, Cruz Alta, 1887.

A página 21, tratando do Povo de São João Batista:

"Ouço dizer que há indícios de haver na sua vizinhança terrenos auríferos. Ao menos vi fôlhas de pão de ouro e de prata aí fabricado".

A página 352, transcrevendo o projeto de colonização da região missioneira publicado na Alemanha pelo agrimensor Maximiliano Beshoren, que havia aberto uma picada do Rincão da Fortaleza para o Uruguai por conta da Câmara Municipal de Santo Antônio da Palmeira, encontramos o seguinte trecho:

"Pelos metais, que por acaso foram achados, demonstram que o território é abundante dos mesmos.

"Não resta dúvida que os jesuítas em tempos primitivos tinham nas suas missões, ricas minas; tais como as de ouro em São Tomé, e São João, de prata em São Lourenço, e de cobre, nas proximidades de São Luiz e São Lourenço. Há anos foi descoberta uma jazida de cobre no Campo Novo porém ninguém trata de a explorar.

"Quatro anos antes desta descoberta, um morador da Palmeira, com índios do aldeamento do cacique Fongui, atravessaram o sertão entre os rios Turvo e Guarita, e trouxeram, diversos cristais, e uma regular quantidade de pós

de ouro, os quais foram examinados na Cruz Alta.

"Entre os cristais foram encontrados dois pequenos DIAMANTES, assim como o pó de OURO foi reconhecido como tal.

"A pessoa que fez o achado, não pôde indicar o lugar em que tinha encontrado o dito metal, porque os índios tinham-no levado por lugares que desconhecia.

"Empreguei todos os meios de obter dos índios, a indicação do lugar, porém foram sem resultado, responde-me ultimamente um deles, que o segredo é da terra, e a terra devia conservá-lo".

Evaristo Affonso de Castro, à página 28 voltou ainda a considerar os rumores das minas de prata:

"Não longe de São Lourenço se encontra a boca de uma grande escavação fechada de nome: *QUAREPOTI* (prata) onde se diz que os jesuítas extrairam desse metal".

A respeito de enterrões pode-se ler esta nota na página 14 da obra em exame:

"No lugar duma destas reduções abandonadas, situadas na serra dos Tapes, onde os jesuítas por ocasião de sua fuga, haviam enterrado um precioso tesouro, que ficou perdido, e que provavelmente foi ocultado pelo Padre Cristóvão de Mendonça, que anos depois foi assassinado, pelos índios charruas, nas imediações de São Botija; deu-se o fato a 3 de Junho de 1883, de ter ali o Alemão E. Falkstrupp, descoberto em terras de sua propriedade, quando fazia um açude, uma enorme caixa contendo uma armadura completa, de aço, finissimamente lavrado, com embutidos d'ouro. Uma espada, com bainha e copos de ouro, guarnecida de pedras preciosas, uma bellissima lâmpada de prata dourada, cujo peso era de dez libras, quatro tocheiros de prata, e finalmente 1617 moedas de prata e ouro, de di-

(1) João Pedro Gay, "História da República Jesuítica do Paraguai", 2.ª edição anotada, Ministério de Educação e Saúde, 1942, pág. 226 e seguintes.

versos valores, tôdas com a effigie de Filipe III e de diversas datas”.

E, para rematar, enveredemos diretamente para uma fonte insuspeitíssima: o Padre Antônio Vieira, ilustre jesuíta que militou no Brasil no século XVII. Leiamos parte de sua carta enviada da província do Brasil ao Geral da Companhia de Jesus, em Roma. Trata-se de uma lãua em que narra os sucessos das guerras holandesas na Bahia de 1624. Vem transcrita por Braz do Amaral em suas anotações às “Memórias Históricas e Políticas da Bahia”, volume segundo, páginas 55 e 56, edição da Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1925. Grifaremos o que nos interessa.

Na iminência da conquista pelos holandeses, os jesuítas abandonam o colégio instados pelo Bispo D. Marcos Teixeira. Relata Vieira:

“... ouvindo a outros dois padres e a muitas pessoas de fora que a cidade estava já ocupada pelos inimigos e vendo que só já não podia defendê-la, saiu (o bispo). Consumidas, pois, algumas fórmulas do Santíssimo Sacramento (porque as mais eram já levadas para fora da custódia) com a 3evoção que o tempo e a ocasião pedia e tendo já tirado a mais da prata e os ornamentos mais ricos, postos em cobro, que não deu o tempo lugar para mais, seguiram o prelado os nossos, que estavam em casa”...

Comentando esta passagem assim se expressa J. da Silva Campos em “Os Misteriosos Subterrâneos da Bahia”, trabalho publicado nos Anais do Arquivo Público da Bahia, edição da Imprensa Oficial daquele Estado, 1938, página 246:

“... os jesuítas, desertando o colégio não levaram consigo aquela prata e os “ornamentos mais ricos” da igreja senão que os deixaram em lugar seguro. Tão seguro, que os flamengos, havendo ocupado o colégio durante um ano, não encontraram semelhantes divícias”.

Examinemos como os jesuítas se comportavam ao Sul, em situações idênticas. Para tanto, lançaremos mão de uma fonte preciosa, tão insuspeita como Vieira — o Padre Tadeu Henis, S. J., testemunha contemporâneo dos acontecimentos que historia. Este jesuíta foi um dos principais fomentadores da resistência armada, à execução do tratado que estipulou a permuta dos Sete Povos pela Colônia do Sacramento. A pedido do Superior, Padre Bernardo Nusdorffer, o Padre Tadeu redigiu as “Efemerides de la guerra de los guaraníes desde 1754, ó Diario de la guerra del Paraguay”, guerra que ele viveu de presença. Seu diário aparece sob nº 168, no I volume dos “Documentos sobre o Tratado de 1750”, publicados pela Biblioteca Nacional, Rio, 1938.

Em 10 de Fevereiro de 1756 deu-se o inevitável desastre a que os padres levaram aos indígenas. Feriu-se a batalha de Caibostê, em que os missioneiros sofreram uma total derrota com cerca de mil e quinhentas baixas. Pânico nos arraiais jesuíticos, seguido de fuga precipitada.

Relata o Padre Tadeu Henis S. J., em suas “Efemerides”, a evacuação de São Xavier, lugarejo distante umas seis ou sete léguas do Rio Ibicuí. Narra êle, conforme se pode ler à página 532, dos citados “Documentos sobre o Tratado de 1750” (o grifo será nosso):

“Todas las cosas que no permitió transportar el peso y el volumen, como dos calderas de metal, seis ó siete campanas, casi treinta fusiles que se pudieron libertar del incendio; una arca llena de herramientas, y así mismo otras cosas à este tenor, fueron unas enterradas en el bosque inmediato, otras en la huerta, otras en el mismo cuarto. Finalmente, habiendo salido de sus chozas todos los moradores, se pegó fuego à todas las casas de paja y se quemó todo el lugar; y por ultimo montando à caballo los padres siguieron al pueblo”.

Só não esclarece o Padre Tadeu a natureza das ferramentas e das outras cousas dêste teor, tão preciosas que merecessem as honras de um enterro, no instante azafamado quando apareciam à vista os exércitos de dois impérios. Bem podemos presumir quais fôsem. O texto autógrafa é tão claro na ingénua dissimulação, que legitima perfeitamente as presunções.

Adiante diz o Padre Tadeu, página 543, mesmo I volume dos "Documentos"... (o grifo é nosso):

"El dia doce (Maio de 1756)... al caer de la tarde tres padres huyeron tambien del lugar de San Miguel al dicho tio Pitatini, sin haber salvado cosa alguna del pueblo, solo sí dejando todo escondido en varias partes y bien guardado debajo de llave, lo cual sucedió por falta de boeyes y de caballos que lo transportassen en carros...

"... cogieron todo lo que encontraron, y saqueada la habitación de los Padres la quemaron finalmente: entonces el fuego, cebandose en los techos, descubrió muchas cosas que estaban escondidas sobre los cielos que eran de tablas, y dejó por despojo á los Indios lo que no pudo consumir".

Dai se conclui que tanto na Bahia quanto no Rio Grande do Sul o processo era o mesmo em momentos de fuga ou de expulsão. Terão variado apenas os motivos e os meios.

E sobre as riquezas jesuíticas na América, que dizermos?

Basta atentarmos para estes fatos:

1º — A formidável organização do trabalho indígena, que não custava à companhia mais do que o sustento dos índios e a manutenção do culto. No apogeu das Missões, lá pela terceira ou quarta década do século XVIII, pos-

suam de 130 a 150 mil habitantes, contando-se, as reduções do Paraguai, Paraná e Uruguai, que pertenciam tôdas ao mesmo sistema. Bem podemos imaginar o que significa esta massa humana (ainda que dotada de pouco rendimento), a trabalhar vários dias na semana para a comunidade. Doblas calculou (era ádito aos jesuítas e além disto comerciante, fonte fidedigna, portanto) que cada povo de 1200 almas deixava para os padres uma renda líquida anual de 30 000 pesos (4). E o Cônego Gay afirma por sua vez: "Têm calculado alguns escritores que se avaliava anualmente em um milhão de pesos fortes espanhóis o rendimento dos povos jesuíticos, e quanto ás suas despesas, não chegavam à décima parte dessa quantia". (5) Jêlio de Mesquita Filho, em interessantíssimo ensaio, tece sobre o assunto diversos comentários, dos quais extraímos o seguinte:

"Estimando com Doblas o valor médio da produção, por cabeça, em quarenta pesos, e mais o valor do gado vendido, temos uma renda anual equivalente a quatro milhões de pesos! Admitindo-se um gasto de um milhão de pesos — o escritor argentino (Lugones) afirma que êle alcançava exatamente seiscentos e sessenta e oito mil — aos quais se deviam juntar o custo das festas patronais (mil pesos para cada uma, embora Doblas as avaliasse à razão de trezentos a quatrocentos pesos cada), e uma festa por povoação, teremos trinta e três mil pesos. Ficam portanto mais trezentos mil para cobrir o orçamento das importações. De tôdas estas cifras, somava-se um resultado realmente impressionante, que atingia a quantia enorme, mesmo que se computem apenas os lucros obtidos pela Companhia de 1700 em diante — embora antes disso já fôsem muito grandes os resultados colhidos — em mais de dozentos milhões de pesos líquidos!" (6).

(4) Enrique Plana, "Los Jesuitas en el Rio de la Plata", Editorial Atlántida S. A., Buenos Aires, 1941, pág. 96.

(5) Op. cit., pág. 306.

(6) "Ensaio Sul-Americano", "Índios, Jesuítas e Bandeirantes", Livraria Martins Editores, S. Paulo, 1946, pág. 264.

2º — O regime de monopólio, controlado exclusivamente pelos padres, comerciando com os bens comuns por intermédio de seus procuradores em Buenos Aires, e que nunca ensinaram aos índios o uso do dinheiro.

3º — As vantagens fiscais de que era beneficiária a Sociedade de Jesus nas colônias espanholas do Rio da Prata. As reduções e os catecúmenos pagavam muitíssimo menos imposto que os encomenderos. E — é digno de nota — não satisfeitos ainda com tais condições excepcionais, pretenderam os jesuítas abrir nova saída para o Atlântico primeiro pelo Norte, através do Pilcomayo, o Mamoré e o Madeira (17). Depois ao Sul, na altura de Porto Alegre (18). Tudo para iludir a aduana de Buenos Aires, segundo Enrique Planas.

4º — O fausto, a riqueza do culto, com alfaias e prataria valiosíssimas. Chagas Santos, já no final da desagregação missioneira em 1817, trouxe como botim de guerra 750 a 1 000 quilos de prata, do saque que levou a algumas reduções do outro lado do Rio Uruguai, "sendo lo más probable que para esa fecha ya los mismos padres hubiesen extraído casi todas las riquezas" (19). Mais tarde ainda, em 1828 Fructuoso Rivera carregou para o lado de lá 60 carrêtas de prataria, alfaias, imagens e ornamentos das noissas missões (20).

Leiamos ainda um officio assinado pelo Principal D. António de Saldanha, Embaixador de Portugal junto à corte de Madrid. Dirige-se a D. Ricardo Wall, Ministro de Sua Magestade Católica, o Rei da Espanha, com data de 17 de Janeiro de 1760. Vem publicado sob nº 216, páginas 114 a 117, II volume dos "Documentos sobre o Tratado de 1750".

Reza assim, à exceção dos grifos, que são noissos:

"Exmo. Señor

Muy Señor mío: como el Rey
mí amo no solo piensa en culti-

var solidamente la preciosa amistad de S. M. C., pero igualmente se interesa en que su real Hacienda no sienta las fraudes y prejuicios que la extraña ambición de los Religiosos Jesuitas ideó para ocultamente aumentar los poderosos caudales que de la America española transportaban á Portugal, me ordena participe á V. E. lo siguiente:

Uno de los mayores golpes que lo comun de la compañía experimenta por la expulsion que de ella se hizo de los Dominios de Portugal, es el de no poderen los Jesuitas Españoles extrahir por sus consocios portugueses los considerables tesoros que hasta ahora hacian pasar de la America española para ej Brasil, y dél á los dos Bancos que tenian en Lisboa, siendo Gefe de uno de ellos el Padre Manoel de Campos y del otro el Padre Benito de Fonseca.

A ambos venia plata remetida por los Jesuitas españoles en tanta cantidad que consta por muchas personas fidedignas, que antes no hablaban por miedo, que eran necesarios almacenes para se recoger, con el pretexto de que las cajas que la guardaban trahian otros generos, dandoles para este engaño entera seguridad el abuso con que en las Aduanas de Portugal se daba sin derechos ni abertura todos los que trahia marca de los Jesuitas, los cuales tomando letras de los negociantes extranjeros de las plazas de Lisboa y Porto y entregandoles la plata á ellas respectiva, la hacian salir despues en nombre de los mismos extranjeros, que declaraban ser suya al juez de la inspeccion de la moneda, el cual no siendo la dicha plata cuñada en Portugal y siendo propia de los que pretendian transportarla, no

(17) Enrique Planas, *obr. cit.*, págs. 26, 29, 94, 95 e 98.

(18) *Idem*, *ibidem*. Luis Gonzaga Jaeger, S. J., "Os Jerónimos do Ceará e Pirapó". Livreria do Globo, Porto Alegre, 1940, pág. 222.

(19) Enrique Planas, *op. cit.*, pág. 102. Aurélio Pôrto, "História das Missões Orientais do Uruguai", S. P. H. A. N., Rio, 1943, pág. 524.

(20) Aurélio Pôrto, *obr. cit.*, pág. 556.

podia impedirles la estracion de ella para onde quisiesen.

Pero cesando por los procedimientos que Su Mag. Fidelissima ordenó contra los dichos Jesuitas todas las causas del referido aviso con que antes metian y sacaban de las aduanas del Brasil y Portugal debajo de su nombre todo lo que bien les parecia sin abertura y sin pagar derechos, y no teniendo los Jesuitas en estos terminos ningun modo para hacer en pasar ocultamente la referida plata, como antes hacian, *sucedio que por las ultimas flotas llegadas del Brasil aparecieron mas de dos millones de cruzados en plata visiblemente extrahida de las Indias de España por no haber este metal en los Dominios del Rey mi Amo*".

Continua longamente o officio, terminando por afirmar que S. M. P. baixou ordens no sentido

"de que los Jesuitas Españoles no se atrevan á transportar por sus dominios los inmensos tesoros, que con tanto dolo y ambicion sacaban de los de S. M. C."

Depois disto, é-nos absolutamente impossivel compreender como o sr. Dante de Laytano, Professor de História da Civilização Brasileira e de História da América, possa proferir parecer emitindo juízos como aquêles:

"Os manuscritos dos padres, as ánuas, a correspondência trocada entre os governos, e literatura contemporânea das memórias, os cronistas dos séculos XVII, XVIII e XIX, os historiadores modernos, só têm demonstrado, e para grande desespero dos encanizados descobridores de tesouros jesuíticos, o quanto isto é ridículo é inverossímil".

Quem quiser dar-se o trabalho de situar no tempo as fontes, a ánuas do Padre Antônio Vieira, os officios trocados entre

as côrtes de Lisboa e de Madrid, assim como entre os demarcadores do Tratado de 1750, as efemérides autógrafas do Pe. Tadeu Henis S. J., a obra do próprio Cônego João Pedro Gay e inúmeras outras mais recentes por nós citadas, verificará como são totalmente errôneas aquelas afirmativas — em excesso dogmáticas, por sinal — assinadas pelo brilhante historiador do "Almanaque de Rio Pardo".

De duas, uma: ou os jesuítas possuíam minas de metais preciosos, ou — talvez mais acertadamente — a mina era o trabalho indígena, com o produto do qual ganharam rios de dinheiro como vimos há pouco.

Passemos agora, depois dêste rápido exame bibliográfico, à pesquisa arqueológica. E vamos rastrear a tradição dos tesouros jesuíticos nas imagens missioneiras.

A maioria absoluta das estátuas dêste ciclo é esculpida em madeira, especialmente o cedro. Já tivemos oportunidade de examinar bem mais que uma centena delas, nos Sete Povos das Missões, no Museu do Seminário Jesuíta de São Leopoldo (Rio Grande do Sul), no Museu Júlio de Castilhos de Porto Alegre, no Museu da Universidade Nacional de La Plata (Capital da Província de Buenos Aires) e em Santo Tomé (Província de Corrientes, Argentina). Normalmente apresentam uma peculiaridade chamativa: uma escavação dorsal que vai, desde uma linha horizontal à altura dos ombros, até o pedestal. Em nossa primeira viagem de estudos à região missioneira, em fins de 1944, ouvimos a confirmação das tradições conhecidas, a respeito da utilidade atribuída aos nichos de que falamos:

a) Impedir que o lenho se abra em fendas, pelo ressecamento natural.

b) Finalidade catequética — os jesuítas se colocariam sigilosamente dentro da cavidade em determinadas ocasiões, embasbacando o bugre, que acreditaria na voz do pseudo-santo e se tornaria mais dócil à disciplina, ao esforço agrícola e às doutrinas impostas pelos padres. Terá surgido dêste fato a expressão

“santo do pau óco”, tão espalhada por todos os recantos do Estado com a acepção de “hipócrita” conforme aventamos em “Arquitetura e Estatuária das Missões”, separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, III Trimestre de 1945?

c) Esconderijo para riquezas ou tesouros.

Posteriormente tivemos conhecimento de mais duas versões:

d) As cavidades se destinariam a diminuir o peso das imagens.

e) Seriam obra dos catadores de tesouro, que profanavam as estátuas sacrilegamente.

O Museu Júlio de Castilhos, do qual é Subdiretor o sr. Dante de Laytano, conserva alguns santos do ciclo missionário. Esperaram pacientemente durante dois séculos, até que alguém se desse o trabalho de inquire-los. Se é verdade que os jesuítas outrora falaram dentro deles, toca hoje a sua vez de falarem por si próprios. Ficamos assim numa posição como a do Miguel Angelo leidiário diante da escultura famosa. Com uma diferença fundamental, porém: a da atitude psicológica. Substituímos o arroubo emocional do artista com seu “Fala, Moisés!”, que aqui não cabe, pela frieza do analista de laboratório, o macêto do estatuário pela serrilha do pesquisador, o cânion estético pela proporção matemática. Talvez não seja tão emocionante, concordamos. Para o não iniciado isto será longo e até fastidioso. Mas não podemos fugir. Só com tal rigor crítico merece a História a classificação de ciência.

Das imagens referidas, duas nos interessam especialmente: a de São Francisco Xavier, o chamado Apóstolo das Índias e um dos grandes da Companhia de Jesus, e uma outra pequena, não identificada.

A primeira delas possui a escavação dorsal comum, dos ombros até os pés. Mas, além desta cavidade, apresenta um orifício pequenino, arredondado, na face



Estátua de São Francisco Xavier, talhada em cedro. Escultura do ciclo missionário conservada no Museu Estadual Júlio de Castilhos, Porto Alegre. Observa-se a grande cavidade dorsal e o diminuto nicho craniano. Na reprodução, para maior visibilidade, sua tampa está colocada ao pé da imagem.

posterior do crânio, aproximadamente onde os padres fazem a tonsura. Hoje esta diminuta loja fica à vista de quem olha a estátua pelas costas. Nem sua tampa — já quebrada — nem a imagem conserva senão laivos da pintura. A segunda, não identificada, exhibe também um nicho incomum: pequeno, à altura da nádega direita.

Vejamos neste ponto os dados que necessitamos (11).

(11) De maneira mais aproximada possível, considerada a pequena irregularidade das escavações. Foram apanhados com a colaboração do Prof. Rivadavia Coelho, Assistente Técnico do Museu, do Bacharel em Geografia e História José

SÃO FRANCISCO XAVIER

Pêso atual 128,800 kg

Cavidade dorsal:

Comprimento 128 cm
Largura 39 cm
Profundidade 27 cm
Cubagem 134,784 cm³
Pêso da madeira retirada
desta cavidade (12).... 67,392 kg

Orifício craniano:

Diâmetro 11 cm
Cubagem 696,910 cm³
Pêso da madeira retirada
do orifício 0,348 kg

Atribuindo-lhe dois centímetros de espessura, calculemos ainda o pêso da tampa, hoje desaparecida, relativa à grande escavação dorsal:

Volume 9,984 cm³
Pêso 4,992 kg

Demos finalmente 0,468 kg para a madeira esboroada e perdida, na parte posterior da base, e poderemos restabelecer com aproximação o primitivo pêso da imagem:

Pêso atual	128,800 kg
Madeira retirada da cavidade dorsal	67,392 "
Madeira retirada do orifício craniano	0,348 "
Tampa da cavidade dorsal	4,992 "
Madeira esboroada	0,468 "

PÊSO ORIGINAL APROXIMADO 102,000 kg

Arrmando uma simples proporção verificaremos que, em relação a êsse total, o pêso da madeira retirada da escava-

ção dorsal equivale a 33,36 %. E que o pêso da madeira extraída do orifício craniano não sobe além de 0,17 %.

Examinemos agora qual das versões acêrca da finalidade dos nichos, os resultados obtidos vêm abonar.

Começemos fixando a atenção no orifício craniano. Com forma esférica, possui 11 cm de diâmetro e 696,91 cm³ de vão. Evidentemente não teve finalidade catequética, pois seria impossível meter-se um homem num óco tão pequeno. Não se presta, de outra parte, para reduzir o pêso da imagem: seria rematada tolice diminuir-lhe 348 gramas ou sejam 0,17 % do total, tendo-se já, com a grande escavação dorsal, uma redução de 67,392 kg que representam 33,36 %. Também não terá tido finalidade técnica, para evitar as fendas no lenho. Isto porque, caso afirmativo, não estaria isolado, mas sim ligado ao óco dorsal, fazendo das duas escavações uma só. Da mesma forma não pode ser imputado aos buscadores de tesouro. Quem abre uma imagem de madeira com tal intenção, nunca tem delicadezas: não talha nichos com tampa perfeitamente adaptável e colocando-lhe pinos para fixá-la à perfeição. Pelo contrário, mete o machado ou passa o serrote. Ou simplesmente fura a trado, como se pode comprovar em muitas imagens conservadas no Museu das Missões, em São Miguel, Rio Grande do Sul.

Aí estão, excluídas, quanto das versões que a tradição conservou. Resta uma única: o nicho craniano terá sido depósito, cofre, esconderijo de riquezas com pequeno volume e grande valor. Seu exíguo vão, a localização na face posterior do crânio de uma estátua santificada, seguramente disposta sobre altares mais ou menos afastados do solo, o respeito animista que a mesma infundiria aos bugres (13) e aos brancos pre-

(12) Trata-se do cedro (*Cedrela Fissilis*), segundo resultado da análise realizada, por deferência do sr. Ivo Wolff, no Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul, de amostra por nós retirada com autorização do sr. Emílio Kemp, Diretor do Museu. O ensaio foi efetuado pelo Prof. Alarich Schultz, Doutor em Filosofia pela Universidade de Marburg, Alemanha, atual chefe da seção de identificação micrográfica do madeiras daquele Instituto. A densidade média do cedro é 0,5 conforme tabela do Instituto Tecnológico de São Paulo.

(13) "Os guaranis não têm superstição alguma, mas seu respeito pelas imagens vai quase à idolatria", escreveu Saint-Hilaire dos remanescentes indígenas de São Borja. E recolheu do cura de Santo Ângelo o mesmo julgo: "Os guaranis levam à idolatria seu respeito pelas imagens..." Apud Carlos Daria de Moraes em "Tapas e Guaranis sob o Regime Jesuítico", em "Província de São Pedro", n.º 7.

dores, a perfeita dissimulação do tempo conseguida com o emassamento e uma boa pintura — tôdas estas circunstâncias fariam o nicho difficilmente acessível e vêm conjugar-se para trazer-nos à mesma conclusão.

Acresce um argumento ponderável: o fato não é único, apesar de raro. Dentre as pouquíssimas estátuas missioneiras exibidas pelo Museu Júlio de Castilhos, DUAS corroboram a dedução. Acabamos de estudar uma delas. A outra, é a de tamanho reduzido, não identificada, já apontada anteriormente. Vejamo-la em seguida.

IMAGEM MENOR, NÃO IDENTIFICADA

Pêso atual 52,300 kg

Cavidade lombar:

Comprimento 20 cm
 Largura 10 cm
 Profundidade 12 cm
 Cubagem 2.400 cm³
 Pêso da madeira retirada desta cavidade (14) ... 1,200 kg

Computado pelo pêso do antebraço esquerdo, deslocável, atribuíamos 0,200 kg ao antebraço direito, hoje desaparecido.

Alinhando as parcelas obtidas, estamos habilitados a recompor o pêso da imagem, antes de lhe terem praticado a escavação:

Pêso atual 52,300 kg
 Pêso da madeira retirada da cavidade lombar 1,200 "
 Pêso do antebraço direito.. 0,200 "

PÊSO ORIGINAL APROXIMADO 53,700 kg

O nicho lombar diminui apenas 2,23% do pêso total. Possuindo as dimensões de 20 × 12 × 10 cm, não é lícito pensar-se em utilização catequética. Redução de pêso também não será legítimo arguir: reduz 2,23 % quando seria pos-

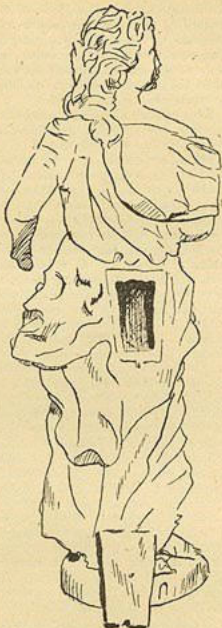


Imagem menor, não identificada, também em cedro e do ciclo jesuítico dos Sete Povos, conservada no Museu Estadual Júlio de Castilhos, Porto Alegre. Note-se o pequeno nicho lombar, cujo tempo se encontra, na reprodução, junto à base da imagem.

sível conseguir 33,36%, como foram alcançados por meio da grande escavação dorsal na imagem de São Francisco

(14) Reportamo-nos aqui às notas 11 e 12.

Xavier. Igualmente é inadmissível a justificativa técnica: a cavidade se estenderia da cabeça aos pés, não se restringindo tão só a uma das nádegas. Tampouco é obra de profanadores em busca de riquezas ocultas, pois sua execução foi cuidadosa, dispondo também de tampa em perfeitas condições.

Sobra apenas uma única conclusão: aquela a que chegamos ao analisar a imagem de São Francisco Xavier.

Para quem desconhece a história da Sociedade de Jesus poderá parecer estranho que os jesuítas sejam capazes de fazer cofres nos seus santos. Mas os inicianos, através de toda a acidentada e espetacular vida da companhia, sempre lançaram mão da chamada "santa astúcia". Exemplos? O próprio São Francisco Xavier, cuja imagem vimos de estudar, em seu apostolado no Oriente dizia aos naturais que as crateras dos vulcões da Ilha de Homoro eram as chaminés do inferno e "que ali embaixo de onde brotava a fumaça venenosa, os idólatras eram fervidos durante toda a eternidade" (15). Na Índia, o jesuíta Roberto Nobili se fazia passar por brâmane. Organizou mesmo equipes de falsos brâmanes e falsos iogues para melhor converter os hindus (16). No caminho, o "Ratio Studiorum" e o "Ratio Discendi et Docendi" (cânones educacionais que até hoje, em essência, regem a pedagogia jesuítica) determinam que os autores clássicos — porque pagãos — sejam estudados apenas em excertos, expurgados de tudo o que possa prejudicar a ortodoxia católica: "A interpretação dos autores deve ser feita de tal sorte que, embora profanos, se convertam todos em arautos do Cristo" (17). Mais próximo a nós é o caso da escravatura. Todo ex-aluno dos inicianos sai de seus colégios sabendo que os

jesuítas foram estrênuos e exclusivos defensores do aborígene. Não obstante, o Padre Antônio Vieira assim como os Padres Manuel Pires, Francisco Veloso, Manuel Nunes, Tomé Ribeiro e Manuel de Souza, todos jesuítas, admitiram e efetuaram "resgates" de índios brasileiros, ao Norte, na segunda metade do século XVII (18). Isto, sem falar na escravidão negra, de que a Companhia de Jesus não tem as mãos lá muito limpas... Que o diga Oliveira Martins a respeito de Angola. Ademais, os próprios jesuítas tiveram escravos índios, em seus estabelecimentos sul-americanos (19). Outro fato próximo constitui sua participação na resistência armada à execução do Tratado de 1750 entre Portugal e Espanha. Até hoje os jesuítas a negaram sempre. Só agora, por força da documentação histórica, começam a concedê-la, mas procurando atenuar os fatos (20). Mais recentemente Aurélio Pôrto revelou, sem intenção específica, uma outra "santa astúcia" dos missionários jesuítas na América do Sul. E que aos neófitos das reduções estava proibido o uso de armas de fogo. Mas os inicianos tanto demonstraram à corte de Madrid que, sem espingardas, não poderiam resistir aos mamelucos, que a licença lhes veio afinal. Na Coleção De Angelis, Aurélio Pôrto encontrou uma carta (que já tive-mos o prazer de manusear na Biblioteca Nacional junto com o Professor Jaime Cortezão) endereçada pelo Padre Taño ao Superior, Padre Romero, em 1635. Algumas páginas estão ilegíveis, com todas as linhas riscadas. Socorrendo-se do auxílio de Rego Monteiro, este conseguiu reconstituir em parte o documento voluntariamente prejudicado pelo destinatário, para que o conteúdo não passasse à posteridade ou sob os olhos

(15) René F. Miller, "Os Jesuítas, seus Segredos e seu Poder", Livreria do Globo, Porto Alegre, pág. 242.

(16) René F. Miller, op. cit., pág. 201 e seguintes.

(17) Alberto Pimentel Filho, "Lições de Pedagogia Geral e da História da Educação", Guimarães & Cia., Lisboa, 1932, pág. 223.

(18) Carlos Rizzini, opud Antônio Barata, "Um Livro que ficou", em "Província do São Pedro", n.º 9, Júlio de Mesquita Filho, op. cit., págs. 220 e 221.

(19) Luis Gonzaga Jaeger, S. J., op. cit., pág. 46. Visconde do R. Leopoldo, "Anais da Província de S. Pedro", edição do Instituto Nacional do Livro, Rio, 1946, pág. 181 e segts., nota 2.

(20) Serafim Leite, S. J., "História da Companhia de Jesus no Brasil", vol. VI, págs. 526, 527, 528 e 529.

reais. E assim se chegou a saber que muito tempo antes da permissão régia os índios missioneiros vinham utilizando armas de fogo por iniciativa de seus padres (21).

Por que, pois, não arranjaríamos os jesuítas pequenos cofres nos seus santos, especialmente numa época em que não existiam bancos nem caixas fortes nas remotas paragens das missões? Comparada com as atitudes que passamos em revista, esta última só poderia ser qualificada como cândida inocência.

Não queremos dizer com isto que todos os nichos tenham tido tal utilidade. A maioria das cavidades, cremos, se destinaria à redução de peso. Escavações semelhantes e com a mesma finalidade, descobrimos recentemente na Bahia e em Minas Gerais. Vimos quatro em imagens de madeira, mais ou menos com um terço do tamanho natural e talvez de origem portuguesa, na sacristia da igreja do Convento do Carmo, em Salvador. E em outras dez figuras dos Passos da Paixão, em Congonhas do Campo, tamanho natural. Como estas últimas, é obra do Aleijadinho o magnífico São Simão Stock, a única que apresenta tampa com perfeita dissimulação da cavidade.

Afirmamos simplesmente que os dois nichos recém estudados em pormenor, das imagens jesuíticas, terão sido utilizados como depósito de valores. É bem possível, e provável até, que os inicianos lançassem mão do nicho dorsal de algumas imagens grandes para fins de conversão e disciplina. É um outro tema, no entanto, e que fica para ocasião oportuna.

Passemos adiante.

SUBTERRANEOS

Quanto a este tópico o sr. Dante de Laytano se estende pouco em seu parecer. Diz que Furlong, Teschauer, Luiz Gonzaga Jaeger e Aurélio Pôrto

"também não acreditam em túncis". Termina desta forma:

"Sim, sr. L. M., são lendas missionárias mas somente lendas que a pena ágil e comovida de um Simões Lopes Neto imortalizou e nunca o esplêndido autor de "Lendas do Sul" sonhou explorar tais minas porque a própria história documental, infelizmente, e isso é o que sabia melhor do que ninguém, derribara sem dó nem piedade, todos os fabulosos túncis, subterrâneos", etc.

Mas Hemeitério José Velloso da Silveira, um dos autores em quem se apóia o ilustre professor, também afirma textualmente, referindo-se ao que vira em sua visita ao povo de São Lourenço:

"... os sinos pendurados no alpendre do colégio, uma adega subterrânea" ... (22).

Ao descrever São Nicolau, diz:

"Regressando pelo mesmo trilho, que nos conduziu até a extinta mansão dos padres, um dos nossos companheiros chamou nossa atenção para um subterrâneo, pouco profundo, é certo, com quatro metros em cada face (dezesseis metros quadrados). As paredes no subsolo eram guarnecidas de pedras de grés e era-o também o fundo dessa cavidade.

"Afirmam-nos ser essa a descida para uma galeria subterrânea, destinada aos criminosos, que aí deveriam acabar seus dias.

"Não acreditamos essa versão serôdia. Uma cavidade igual víamos no colégio de São Lourenço, mas essa, que era bem ladrilhada ao fundo, soubemos por um ancião, que lá existia, ser a adega dos padres. Nem o subsolo em São Lourenço, frouxo e compressível admitiria uma galeria e mais aposentos para aquele fim sinistro. Em São Nicolau o subsolo é mais firme, mas nem por

(21) Aurélio Pôrto, *ob. cit.*, pág. 90, nota 1.

(22) *Ob. cit.*, pág. 260.

isso é de supor, que no colégio dos padres houvesse existido uma masmorra subterrânea" (23).

Leiamos algumas linhas que o Cônego Gay dedicou a este assunto:

"Em S. Borja as colunas eram de madeira. No ângulo reto do colégio, correspondente à sacristia, está o refectório dos jesuítas, quase sempre todo edificado de pedra lavrada com lindas portadas que serviriam magnificamente para capelas. Esta peça tinha sempre subterrâneo mais ou menos extenso" (24).

Como se verifica, subterrâneos havia-os. Fôssem adega, fôssem de pequenas dimensões, eles existiram nos Sete Povos.

Não fiquemos aqui, porém. Vamos mais longe. Pesquisemos donde e de quando teriam arrancado os jesuítas na construção de seus subterrâneos, túneis, esconderijos, ou coisa pelo estilo. Há gente que poderá lembrar as catacumbas romanas dos primeiros cristãos... Devagar com o andor: não há necessidade de chegarmos até lá. Paremos em plena história moderna e na brumosa Inglaterra da rainha Isabel.

A igreja anglicana lutava contra a católica. Esta enviava — clandestinamente, é claro — sua brigada de choque, a Companhia de Jesus, para enfrentar o adversário em seu próprio campo. E os policiais ingleses passavam longos meses de trabalho insano até descobrir um só dos jesuítas que pululavam secretamente pelo reino em desafio constante. Apanhavam um, enforcavam-no, mas já surgiam outros dez a tirar-lhes a paciência e o descanso. Afinal uma denúncia revelou que o quartel-general dos jesuítas era o castelo de Henlip, Worcester, da família Abington, tradicionalmente católica. Depois de uma batida organizada a preceito, a polícia se convenceu de que o castelo

estava completamente vazio. Mas, mal saía, a vida recomeçava lá dentro. "Somente muito tempo depois, foi que se encontrou, mercê da sedução de elevada recompensa, um criado do castelo disposto a explicar o enigma à polícia. Então os funcionários reais ficaram inteirados, para seu espanto, de que o átrio do castelo ocultava por detrás de suas paredes apaineladas um grande número de esconderijos espaçosos, que todos os quartos estavam ligados à adega por meio de escadas secretas e alçapões, e que as chaminés também possuíam pequenos cubículos ao lado do cano da fumaça, cubículos esses em que homens podiam ocultar-se" (25).

O fato se repetiu em várias mansões, havendo "ali paredes móveis, quadros giratórios, alçapões e tetos duplos, tão originais na construção e disposição, que os esbirros terminavam por ficar, ainda uma vez, sem saber o que fazer, a despeito de todos os conhecimentos e experiências já amontoados" (26).

O Padre Oven, jesuíta, era o genial engendrador de tudo. Fazendo sua apologia o Padre Geraldo, também inaciano, afirmou que nenhum companheiro de ordem servira melhor do que ele à causa católica na Inglaterra, pois, "mediante a sua arte de arranjar esconderijos, salvou a vida de centenas de pessoas" (27).

Estas ocorrências sucederam por volta de 1580. Ora, os jesuítas reiniciaram suas atividades nas atuais terras do Estado do Rio Grande do Sul, para fundarem os Sete Povos, no ano de 1682. Já possuíam, como se vê, uma secular experiência acerca de subterrâneos e esconderijos, que absolutamente não constituíam novidade para eles.

Passando à bibliografia platina, há dois autores que nos aduzem bons elementos.

(23) Op. cit., pág. 209.

(24) Obr. cit., pág. 222.

(25) *Rend F. Miller, op. cit., pág. 341 e seguintes.*

(26) *Idem.*

(27) *Idem, ibidem.*

Vejamos o que diz um deles, ao referir-se às soberbas ruínas do povo de San Ignacio, hoje jurisdição do Território Nacional de Misiones, República Argentina:

"Por estas y otras circunstancias, juzgo que haya sido el refectorio del colegio y también porque la pieza que sigue, menor, parece haber sido despensa, pues tiene un sótano⁽²⁸⁾ que descubrí por un tragaluz exterior.

"Desobstruyendo la entrada con mucho trabajo y bajando una escalera de piedra de seis peldaños, pude llegar al piso del sótano, repartición que tratándose de ruínas jesuíticas está forzosamente rodeada de misterios a consecuencia de las leyendas, sobre tesoros escondidos y otras que allí circulan. En éste, que tiene 2,50 m por 3 y está encajado entre muros, encontré algo como para dar pábulo a las leyendas. Al lado de restos humanos muy antiguos ví un cántaro roto, y debajo de uno de sus fragmentos, un *cordado* de plata. Alrededor, la tierra removida de muchos años atrás"⁽²⁹⁾.

Afirma o segundo, tratando da organização dos povos jesuíticos:

"Los conventos eran de gran amplitud divididos en dos partes correspondientes a los dos patios. Sobre el primero, de sesenta metros por cuarenta, daban las celdas, generalmente de seis metros por seis, blanqueadas, el depósito, la escuela y la armería. *Se comunicaban con el pueblo por caminos subterráneos. También un camino subterráneo conducía a una cripta, en la que se depositaban solamente los restos de los padres jesuitas, la que caía bajo el altar mayor.* Muchas novelas se han tejido con respecto a estos subterráneos en cuya construcción denotaban los jesuitas ser hábiles ingenieros. En realidad, lo más pro-

bable es que se utilizasen, tanto en momentos de peligro para poder comunicarse directamente con el pueblo o con la parte exterior, como para poder vigilar a los indígenas"⁽³⁰⁾.

Como se sabe, foi de Santo Tomé cidade argentina fronteira à nossa São Borja e do outro lado do Rio Uruguai, que os jesuítas irradiaram para o lado de cá, na segunda fase histórica das missões no Rio Grande do Sul. Em Santo Tomé ainda vive, vigorosa como no Brasil, a tradição dos subterráneos jesuíticos. A prova disso é o que nos informa a Professora Emma Perkins de Subizar, da Escuela Normal Victor Mercante, daquela cidade corrientina:

"Se dice que la manzana de la Iglesia está *poblada* por cantidad de ruinas y túneles subterráneos. La tradición oral cuenta que los niños, allá por el año 1880, jugaban en bocas de túneles donde no habia posibilidad de entrar porque salían de ellos murciélagos que los amedrentaban. Se cuenta también que un perrito (hasta el nombre recuerdan) se aventuró y no regresó nunca, a pesar de los llamados cariñosos de sus dueños. Hay una versión que tiene mucho de fantasía. Se refiere a la hazaña de un italiano que entró: unos dicen que no se hizo ver más, porque allí habia encontrado una fortuna y otros, porque allí habia encontrado la muerte.

"El Rendo. López, cuyos restos descansan en la Iglesia, encontró la boca del verdadero túnel en los fundos de la nave principal, pero afuera. Parece que hubo muchos interesados en la excavación, que el padre López resolvió clausurarla, pues era un *peligro*. Todos concuerdan en asegurar que ese túnel que comienza en la Iglesia termina en la orilla del río Uruguay. Como testimonio de esa creencia, existe una zanja que hasta hace poco cortaba una calle y

(28) "Sótano: pieza subterránea y embovedada, celda subterránea".

(29) Quirol, "Ruinas Jesuíticas", pág. 17 e seguintes. Informação bibliográfica de Emma Perkins de Subizar, por gentileza da Escuela Normal Prof. Victor Mercante, Santo Tomé, Corrientes, Argentina, e da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul.

(30) Enrique Planas, op. cit., págs. 102 e 103. O grifo é nosso.

que la estética edilicia tapó convirtiendo en un puente. Esa zanja no tiene aspecto de ser trazada por la erosión y lo más evidente es que tiene la misma característica hasta las proximidades del río, donde ahora la mano del hombre ha hecho calles, terraplenes y todo lo necesario para acceso a un futuro pero soberbio puerto.

"De todas las versiones de la tradición, no hay evidencias ni documentos tan valiosos como las fotografías que tomaron manos interesadas o simplemente noveleras de una excavación realizada en el año 1941 o 1942 en terreno propiedad de la Sña. Concepción Centeno de Navajas, en la misma manzana de la Iglesia y sobre el lado Suroeste. Allí ya habían tapado unos escalones que dejaban ver un portón de hierro. Creo que al abrir un pozo de agua, surgió el interés de vecinos y parientes de la propietaria, pues se encontraron los escalones. Se hizo subscripción y comenzó el trabajo, dirigido por el Sr. Alberto Almeida, quien me proporcionara estos datos. Cavaron hasta 3 metros y allí estaban 3 escalones, de (piedra) tosca, muy pulida. A los costados, bloques de piedra que hacían paredes sólidas y perfectamente construidas. Siguiéron — con rumbo al S y no al NE para llegar al río — unos 8 metros y tuvieron que abandonar (todo) porque se encontraron con una pared que hacía imposible toda tentativa.

"Como el capital sería poco, abandonaron y la dueña hizo cerrar la entrada. La impresión que tiene el Sr. Almeida es que era una pieza como para refugio, o algo por el estilo.

"Las fotografías que adjunto son las de esa última excavación" (31).

Retornando ao Brasil, demos um pulo à Bahia. Foi lá que aportaram, com Tomé de Souza em 1549, os primeiros jesuítas chegados às nossas plagas. E também a Bahia, onde atuaram longa-

mente os inicianos, vive cheia de tradições dos subterrâneos jesuíticos.

J. da Silva Campos, em "Os Mistérios Subterrâneos da Bahia", trabalho já citado atrás, faz uma clara profissão de fé à página 339:

"Todas as tradições, não me cansarei de repetir, todas as lendas têm seu ponto de partida real, exato, positivo".

E não fica apenas nessa identidade com o juízo de Aurélio Pôrto acerca da tradição oral. Já antes, à página 274, fôra muito mais enérgico:

"Apesar de tudo; apesar de quanto narrei em desabono da tradição da existência dum subterrâneo na igreja do antigo Colégio dos Jesuítas; apesar... acredito firmemente que ali existe qualquer esconderijo até agora desconhecido"...

Depois, o historiador baiano faz desfilar os subterrâneos jesuíticos de Salvador, perfeitamente documentados, alguns dos quais pesquisados e relatados por membros do Instituto Geográfico e Histórico do Estado da Bahia. É a surpresa da descoberta de uma câmara subterrânea na Sé Catedral (a ex-igreja dos jesuítas), por ocasião do sepultamento do Bispo D. Romualdo de Seixas em 1860... É o subterrâneo do antigo Seminário da Conceição, prédio que hoje é sede do Centro Operário... É a galeria

"... que demora sob o corredor lateral da basílica (a mesma catedral de há pouco), por mim demoradamente percorrida. Na única de suas extremidades aberta está a entrada do antigo cemitério dos padres. Hoje facilmente acessível em toda a sua extensão, não no era assim aqui ao arripio duns quantos lustros",

como refere à página 260... É o subterrâneo do prédio do Taboão, an-

(31) - Hoje em nossos arquivos.

tigo nº 56 e atual nº 75 da Rua Silva Jardim, ex-propriedade dos padres da Companhia, e que foi explorado em 1897 e 98 pelos drs. Braz do Amaral e Inocêncio Goes.

Dos subterrâneos citados acima, todos os que ainda possuem visíveis bocas de acesso, nós próprio tivemos oportunidade de visitar pessoalmente, quando de nossa estada na Bahia, em Janeiro de 1948:

Acérca da finalidade de tais subterrâneos, à página 243 de seu trabalho, J. da Silva Campos consigna a opinião do engenheiro e historiógrafo Teodoro Sampaio, publicada em 1927:

"Nos primeiros tempos, na época do Brasil colônia, se acumulavam nas igrejas grandes tesouros. Eram castiçais em prata e ouro, riquíssimas baixelas, frontispícios dos altares e muitas coisas mais. Por isso, quando os corsários atacavam as cidades, invadiam logo as igrejas.

"Estes ataques se repetiam tanto, que os padres construíam criptas e subterrâneos em segredo, para nêles guardar os objetos sagrados, e até a vida em caso de necessidade.

"Nas casas ricas antigas existiam também estes esconderijos, como recurso à falta de segurança em que se vivia. Ercomum nas colônias portuguesas e espanholas".

Corroborando esta afirmativa, J. da Silva Campos comenta duas páginas adiante:

"Quando em Dezembro de 1711, o povo desta cidade (Salvador) alvoroçou-se, exigindo em altos brados do governador geral Pedro de Vasconcelos e Sousa, o aprestamento duma armada que fôsse libertar o Rio de Janeiro do insulto dos franceses de Duguay Trouin, alegou o delegado régio a carência de recursos pecuniários para adquirir, equipar e abastecer os navios que deviam compor o reclamado armamento naval. Então os cabeças do motim replicaram, que enquanto ao dinheiro se achavam

em Santa Teresa e no Colégio de Jesus grossas quantias de pessoas, que de partes distantes os mandaram guardar naquelas duas sagradas religiões".

No mesmo estudo do fecundo historiador baiano encontramos um fato autêntico, ocorrido em 1890 na basílica de Salvador, ex-igreja dos jesuítas. Funcionava por cima da sacristia do templo a Biblioteca Pública. Quando se colocava uma pia nesta dependência, o operário que realizava o serviço casualmente descobriu um grande desvão no soalho. E dentro dêle, "duas enormíssimas arcas fortemente percintadas de ferro, e completamente entupidas de castiçais e outros objetos de prata, de imagens e de missais". Em face do achado, o então bispo D. Manoel dos Santos Pereira procurou um entendimento com o Diretor da biblioteca. Suspendeu-se o trabalho. E, "quando um ou dois dias depois, o pedreiro foi retomar a sua faina, já não estavam lá as arcas". Até o tempo do arcebispo D. Jerônimo sabe-se que as arcas se conservaram intatas. Depois, o silêncio caiu sobre o assunto.

Ainda à página 369, J. da Silva Campos documenta subterrâneos muito além das fronteiras do Estado da Bahia, como uma verdadeira constante em todo local onde atuou a Companhia de Jesus:

"Em Extremoz, perto de Natal, no Rio Grande do Norte, visitei um subterrâneo que parte da velha igreja do antigo aldeamento de índios potiguaras, construída pelos jesuítas em 1613, para a lagoa que lhe fica aos pés. E de alvenaria de tijolos, dando passagem desembaraçada a um homem".

Passemos à pesquisa arqueológica no Rio Grande do Sul, região dos Sete Povos.

Há uns dez anos a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (então S. P. H. A. N. e hoje D. P. H. A. N.) tomou a seus cuidados as ruínas do povo de São Miguel, neste Estado, que foram declaradas monumento nacional. Vieram técnicos, estudaram os

do, em carta de 27 de Fevereiro de 1947:

"... aproveitei minha última viagem a serviço profissional e, em S. Miguel, colhi alguns dados que te poderão interessar.

"São sobre a existência de túneis.

"Falei-te, já há algum tempo, sobre a entrada de um na soleira de uma porta...

"Ao chegar lá busquei logo confirmação da notícia que te transmitira.

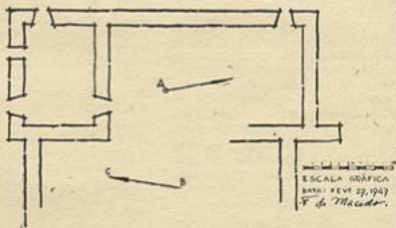
vação no recinto das ruínas de S. Miguel, o eng^o Fernando Hartmann, então funcionário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional".

Mais adiante continua o eng^o Francisco R. de Macedo:

"Ao mesmo tempo, sob a direção de outro engenheiro, uma segunda turma de operários cuidava da reconstituição da torre. O atual zelador estava lá um dia, quando foi chamado por um trabalhador que funcionava nas obras

IGREJA DE S. MIGUEL.

DETALHE DA PARTE POSTERIOR TAL COMO ATUALMENTE SE ENCONTRA.



Planta que acompanhou a carta do eng.^o Francisco R. de Macedo, vendo-se assinalados os pontos aludidos por João Hugo Machado, zelador da São Miguel.

Conversei algum tempo com o zelador do Museu, o Sr. João Hugo Machado, do qual obtive informações interessantes e concordantes com o nosso ponto de vista.

"Ei-las:

"Em 1939 dirigia as obras de esca-

vação. Vinha o operário assustado e contava que no ponto "A", direção e sentido anotados na planta anexa, uma pedra do piso onde trabalhavam, se desprendera e rolara para a escuridão como se estivesse a descer uma escadaria.

"Chegado ao local o Sr. João Hugo Machado enfiou uma vara de ferro de uns cinco metros, acompanhando a direção e declive da escavação e não encontrou o fundo.

"Quando o eng^o Fernando Hartmann chegou de Santo Ângelo, o atual zelador, naquela época capataz das obras, comunicou-lhe o acontecimento...

"Mais tarde, conta ainda o atual zelador, visitando as ruínas esteve um construtor alemão de Santa Rosa (Rio G. Sul), que nada fala de nosso idioma, e, com um aparelho especial concluiu que na direção "B-C", indicada na planta anexa, há um túnel. Esse construtor parece já ser falecido"... (33).

Observe-se que o ponto assinalado pelo sr. João Hugo Machado fica exatamente onde se colocaria o altar-mor. Isto corrobora Enrique Planas no que foi transcrito atrás: "También un camino subterráneo conducía a una cripta... la que caía bajo el altar mayor".

De nosso contato, quer por correspondência, quer pessoalmente, com o sr. Rodrigo M. F. de Andrade, Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, verificamos que o sr. Fernando Hartmann (mestre de obras e não engenheiro como crê o sr. João Hugo Machado) não comunicou aos superiores a singular descoberta. Daí, nada constar sobre o assunto, em relatórios ou informações, nos arquivos daquela Diretoria.

Afinal, face aos termos em que hoje colocamos o problema, cremos que — honestamente — só cabe uma refutação: a prova da inexistência de subterrâneos nos Sete Povos, especialmente em São Miguel, evidenciada por escavações arqueológicas em grande escala, dirigi-

das por especialistas em história e arquitetura a fim de assegurar-se maior correção nas pesquisas e a estabilidade dos remanescentes.

* * *

O povo não mentia, portanto, com sua tradição oral. Sobravam-lhe pontos de arranque e de apoio, como acabamos de ver. Tinha suas boas razões o postulante fulminado pelo parecer do professor Dante de Laytano.

Por não constar do orçamento estadual verba destinada a tais finalidades, ou por julgá-lo demasiado aleatório, adiável, ou iniciativa da alçada da D. P. H. A. N., admite-se que o Estado se recuse a deferir solicitações desta natureza. Lamentável é que a negativa, com parecer publicado em letra de fôrma — e errôneo — atraia ou tente atrair o ridículo sobre um homem corajoso, ainda que o deixe escudado pelo anonimato das iniciais.

Não seria a primeira vez na história que um indivíduo, desafiando a incredulidade e o riso, tenha revelado ao mundo estupefato riquezas e "preciosísimos objetos de arte", como pretendu textualmente o nosso compatriota. Lembremos com reverência a figura impressionante de Heinrich Schliemann. Rastreamo arcaicas tradições helênicas, êle — um arqueólogo amador — realizou surpreendentes pesquisas na segunda metade do século passado. Começou descobrindo os alicerces de nove cidades no local da antiga Tróia. Terminou exumando inestimáveis tesouros da cultura egéia praticamente ignorada até então.

E — note-se! — as tradições pesquisadas pelo romanesco alemão não contavam dois, como a nossa, mas remontavam a quase trinta séculos.

(33) Trata-se do sr. Augusto Goettel, que identificamos logo depois e com quem temos mantido correspondência, graças às versões e traduções pelo sr. Arthur Wohlfeil. Utilizando o pêndulo rádio-elétrico o sr. Augusto Goettel determinou "in loco" os túneis e subterrâneos do antigo templo de São Miguel. A localização efetuada por êle é exata, em relação à tradição oral e ao ponto indicado pelo sr. João Hugo Machado. Possuímos também em nossos arquivos outra localização por tele-rádiodiagnósis, devida ao sr. Bernardino Bernardi, do Porto Alegre. Só em linhas gerais coincide com a do sr. Augusto Goettel. Se referimos estes elementos, fazemo-lo apenas a título de esclarecimento. No presente, em absoluto pretendemos usá-los como prova histórica, apesar de os aceitarmos em princípio e de acreditarmos, com Antoine Bon, que muitos "... ignorent ou veulent ignorer les théories de la relativité, la psychanalyse ou les expériences de radiesthésie".